



DN SPORT

Nº 13 Este caderno faz parte integrante do Diário de Notícias nº 57 221



CARLOS LOPES

**“NUNCA VIVI PARA SER HERÓI.
VIVI PARA SER MELHOR”**

ENTREVISTA Há 50 anos, Carlos Lopes conquistava o primeiro grande título mundial do atletismo português e iniciava uma transformação no desporto nacional. Em conversa com o Diário de Notícias, recorda a infância, os sacrifícios, a relação com Moniz Pereira, a solidão, Los Angeles 1984 e a convicção absoluta de quem nunca entrou numa prova sem acreditar que podia ganhar. PÁGS. 4-6

JOSE MAURICIO/GLOBAL IMAGENS

Roland Garros

Jaime Faria junta-se a Nuno Borges e reforça campanha lusa na 'Cadetral' da terra batida

PÁG. 11



SELEÇÕES

PORTUGAL ENTRA NO MUNDIAL COM PLANTEL MAIS VALIOSO DO QUE A CAMPEÃ DO MUNDO ARGENTINA

PÁGS. 2-3

WRESTLING

WWE regressa a Portugal na próxima semana após nove anos de ausência e com enchente esperada na Meo Arena

PÁG. 7



SIGA TODA A ATUALIDADE DESPORTIVA EM WWW.DN.PT

EM FOCO

PORTUGAL ENTRA NO MUNDIAL COM PLANTEL MAIS VALIOSO DO QUE A CAMPEÃ DO MUNDO ARGENTINA

SELEÇÕES Os 26 convocados por Roberto Martínez estão avaliados em 965 milhões de euros, tornando a equipa das quinas a quinta mais cotada do torneio. João Neves e Vitorino Silva são os jogadores mais valiosos de uma equipa que tem o quinto selecionador mais bem pago da competição.

TEXTO **FREDERICO BARTOLO**

Portugal vai chegar ao Mundial 2026 no quinto lugar do ranking de seleções, precisamente o mesmo ponto na lista dos plantéis mais valiosos entre as equipas que vão estar no torneio que a partir de 11 de junho se realiza nos EUA, Canadá e México.

É isso que nos dizem os dados do Transfermarkt, plataforma especializada na avaliação de futebolistas, que tem em conta as transferências, o desempenho, a idade e a visibilidade internacional. Os 26 convocados da seleção nacional – Ricardo Velho não está contabilizado porque não será inscrito – estão avaliados em 965 milhões de euros dos 26 convocados.

A equipa de Roberto Martínez é mais valiosa que as habitualmente favoritas seleções do Brasil e Argentina. Os canarinhos, cinco vezes campeões do mundo, estão avaliados em 909,2 milhões de euros e só têm quatro atletas acima dos 70 milhões: Vinícius Júnior (150), Raphinha (80), Gabriel Magalhães e Bruno Guimarães (75).

Entre as dez seleções mais bem cotadas, a Argentina, campeã por três vezes e vencedora em 2022, é a única que ainda não definiu o lote de 26 convocados. Ainda assim, perfaz um valor provisório de 765,5 milhões de euros, comandada por Enzo Fernández e Julián Álvarez, nos 90 milhões de euros.

Lionel Messi vale “apenas” 15 milhões, tendo em conta os seus 38 anos.

A falta que fazem Palmer e Foden à Inglaterra

Por outro lado, se Cole Palmer e Phil Foden estivessem na convocatória de Thomas Tuchel, a Inglaterra seria a seleção mais valiosa do Mundial 2026. Assim, os ingleses atingem 1,3 mil milhões de euros e ficam em segundo lugar deste ranking, tendo Jude Bellingham (140 milhões), Bukayo Saka e Declan Rice (120) como os futebolistas mais valiosos.

A rainha dos milhões é a França, campeã mundial de 1998 e 2018, que está cotada em 1,47



A seleção nacional vai começar o Mundial 2026 como a quinta mais valiosa.

mil milhões de euros, tendo 11 jogadores acima dos 50 milhões, com Kylian Mbappé a surgir em igualdade com o norueguês Erling Haaland e o espanhol Lamine Yamal entre os mais valiosos (200 milhões de euros). A Espanha fecha o pódio das seleções mais cotadas e, ao mesmo tempo, é a última acima dos mil milhões de euros: contabilizando 1,27. Acima de Portugal, está ainda a Alemanha, avaliada em 998 milhões de euros, sendo Florian Wirtz (110) e Jamal Musiala (100) os únicos alemães na fasquia dos três dígitos.

Seleção nacional menos valiosa que em 2024

Olhando ao lote de jogadores que Roberto Martínez leva ao Mundial, João Neves e Vitorino Silva, dupla do meio-campo do PSG, campeão europeu em 2025, posicionam-se no top-15 dos mais valiosos da competição. A título de curiosidade, qualquer um deles vale mais do que toda a seleção do Usbequistão, adversário da equipa das quinas no Grupo K, com, previsivelmente, cerca de 71 milhões de euros de valor total (a pré-convocatória tem 30 jogadores).

A seguir aos dois médios sur-

 <p>GRUPO A</p> <p>MÉXICO - ÁFRICA DO SUL (11/06 - 20h00) COREIA DO SUL - R. CHECA (12/06 - 03h00) R. CHECA - ÁFRICA DO SUL (18/06 - 17h00) MÉXICO - COREIA DO SUL (19/06 - 02h00) R. CHECA - MÉXICO (25/06 - 02h00) ÁFRICA DO SUL - COREIA DO SUL (25/06 - 02h00)</p>	 <p>GRUPO B</p> <p>CANADÁ - BÓSNIA (12/06 - 20h00) QATAR - SUÍÇA (13/06 - 20h00) SUÍÇA - BÓSNIA (18/06 - 20h00) CANADÁ - QATAR (18/06 - 23h00) SUÍÇA - CANADÁ (24/06 - 20h00) BÓSNIA - QATAR (24/06 - 20h00)</p>	 <p>GRUPO C</p> <p>BRASIL - MARROCOS (13/06 - 23h00) HAITI - ESCÓCIA (14/06 - 02h00) ESCÓCIA - MARROCOS (19/06 - 23h00) BRASIL - HAITI (20/06 - 01h30) ESCÓCIA - BRASIL (24/06 - 23h00) MARROCOS - HAITI (24/06 - 23h00)</p>	 <p>GRUPO D</p> <p>ESTADOS UNIDOS - PARAGUAI (13/06 - 02h00) AUSTRÁLIA - TURQUIA (14/06 - 05h00) ESTADOS UNIDOS - AUSTRÁLIA (19/06 - 20h00) TURQUIA - PARAGUAI (20/06 - 04h00) TURQUIA - ESTADOS UNIDOS (26/06 - 03h00) PARAGUAI - AUSTRÁLIA (26/06 - 03h00)</p>	 <p>GRUPO E</p> <p>ALEMANHA - CURAÇAU (14/06 - 18h00) COSTA DO MARFIM - EQUADOR (15/06 - 00h00) ALEMANHA - COSTA DO MARFIM (20/06 - 21h00) EQUADOR - CURAÇAU (21/06 - 01h00) EQUADOR - ALEMANHA (25/06 - 21h00) CURAÇAU - COSTA DO MARFIM (25/06 - 21h00)</p>	 <p>GRUPO F</p> <p>PAÍSES BAIXOS - JAPÃO (14/06 - 21h00) SUÉCIA - TUNÍSIA (15/06 - 02h00) PAÍSES BAIXOS - SUÉCIA (20/06 - 18h00) TUNÍSIA - JAPÃO (21/06 - 05h00) TUNÍSIA - PAÍSES BAIXOS (26/06 - 00h00) JAPÃO - SUÉCIA (26/06 - 00h00)</p>
 <p>GRUPO G</p> <p>BÉLGICA - EGITO (15/06 - 20h00) IRÃO - NOVA ZELÂNDIA (16/06 - 02h00) BÉLGICA - IRÃO (21/06 - 20h00) NOVA ZELÂNDIA - EGITO (22/06 - 02h00) NOVA ZELÂNDIA - BÉLGICA (27/06 - 04h00) EGITO - IRÃO (27/06 - 04h00)</p>	 <p>GRUPO H</p> <p>ESPAÑA - CABO VERDE (15/06 - 17h00) ARÁBIA SAUDITA - URUGUAI (15/06 - 23h00) ESPAÑA - ARÁBIA SAUDITA (21/06 - 17h00) URUGUAI - CABO VERDE (21/06 - 23h00) URUGUAI - ESPAÑA (27/06 - 01h00) CABO VERDE - ARÁBIA SAUDITA (27/06 - 01h00)</p>	 <p>GRUPO I</p> <p>FRANÇA - SENEGAL (16/06 - 20h00) IRAQUE - NORUEGA (16/06 - 23h00) FRANÇA - IRAQUE (22/06 - 23h00) NORUEGA - SENEGAL (23/06 - 01h00) NORUEGA - FRANÇA (26/06 - 20h00) SENEGAL - IRAQUE (26/06 - 20h00)</p>	 <p>GRUPO J</p> <p>ARGENTINA - ARGÉLIA (17/06 - 02h00) ÁUSTRIA - JORDÂNIA (17/06 - 05h00) ARGENTINA - ÁUSTRIA (22/06 - 18h00) JORDÂNIA - ARGÉLIA (23/06 - 04h00) JORDÂNIA - ARGENTINA (28/06 - 03h00) ARGÉLIA - ÁUSTRIA (28/06 - 03h00)</p>	 <p>GRUPO K</p> <p>PORTUGAL - RD CONGO (17/06 - 18h00) USBEQUISTÃO - COLÔMBIA (18/06 - 03h00) PORTUGAL - USBEQUISTÃO (23/06 - 18h00) COLÔMBIA - RD CONGO (24/06 - 03h00) COLÔMBIA - PORTUGAL (28/06 - 00h30) RD CONGO - USBEQUISTÃO (28/06 - 00h30)</p>	 <p>GRUPO L</p> <p>INGLATERRA - CROÁCIA (17/06 - 21h00) GANA - PANAMÁ (18/06 - 00h00) INGLATERRA - GANA (23/06 - 21h00) PANAMÁ - CROÁCIA (24/06 - 00h00) PANAMÁ - INGLATERRA (27/06 - 22h00) CROÁCIA - GANA (27/06 - 22h00)</p>



200

milhões é a cotação de Lamine Yamal (Espanha), Kylian Mbappé (França) e Erling Haaland (Noruega), os mais valiosos do Mundial 2026.

6.º

menos valioso da seleção nacional é Cristiano Ronaldo, num ataque vale menos 117 milhões do que no Euro 2024.

4

milhões de euros é o salário do selecionador nacional Roberto Martínez, que faz dele o quinto mais bem pago do Mundial.

gem Nuno Mendes (75 milhões de euros), Rafael Leão (65), Rúben Dias e Pedro Neto (60). Cristiano Ronaldo é o sexto menos valioso da equipa das quinas, com 12 milhões de euros, que se justificam por ter 41 anos e e jogar na Arábia Saudita.

Aliás, a avaliação de CR7 explica, em parte, o facto de a seleção nacional ter uma avaliação mais baixa do que no Europeu de 2024. Regista-se uma queda de 72 milhões de euros e é no ataque o tomo decisivo: menos 17 milhões (passou de 385 milhões para 268). Além da idade de Ronaldo,

há ainda o menor protagonismo de Rafael Leão no AC Milan, Gonçalo Ramos no PSG, mas também uma significativa diferença entre o valor de Gonçalo Guedes (Real Sociedad) e Diogo Jota, que na altura brilhava no Liverpool. O meio-campo, por outro lado, minimiza as perdas, pois vale 327 milhões, mais 33 do que em 2024. A defesa também rejuvenesceu ligeiramente em comparação ao Euro 2024 e vale mais 17 milhões, subindo para os 319.

Numa comparação direta com os adversários no Grupo K, Portugal ganha a toda a linha, pois a Co-

lômbia é 20.ª neste ranking, com 303,6 milhões de euros de avaliação, e a quarta equipa mais bem cotada da América do Sul, abaixo de Brasil, Argentina e Uruguai. Luis Díaz (Bayern) é o mais bem cotado com 70 milhões, seguido por Luis Suárez (Sporting) com 28, já Richard Ríos (Benfica) é o quinto mais valioso entre os *cafeteros* com 22 milhões.

A República Democrática do Congo tem uma cotação de 147,3 milhões e ocupa o 29.º lugar, com Yoane Wissa (Newcastle) e Noah Sadiki (Sunderland) na fasquia dos 30 milhões de euros. O Usbe-

quistão ocupa apenas o 35.º posto do ranking, sendo Abdukodir Khusanov (Manchester City) o melhor cotado com 35 milhões, quase metade do valor total dos estreantes no Mundial.

Em estreia no top-10 das seleções mais valiosas está a Noruega com uma cotação de 586,50 milhões de euros, muito impulsionada pelos 200 milhões de Haaland, mas também por Martin Odegaard (Arsenal) cotado em 65 milhões.

Curioso é que há três seleções africanas entre as 15 seleções mais cotadas, com a Costa do Marfim a ocupar o 12.º lugar com um lote de futebolistas avaliados em 533,90 milhões de euros, destacando-se Yan Diomande, avançado de 19 anos do RB Leipzig a valer 90 milhões. Em 13.º está Marrocos com 484,20 milhões, dos quais 80 são só à conta do lateral Achraf Hakimi (PSG). No 14.º posto está o Senegal atinge os 468, com o extremo Iliman Ndiaye (Everton) a valer 50 milhões.

Entre as seleções menos cotadas há nove que estão avaliadas em menos de 50 milhões de euros, sendo a Jordânia a última deste ranking, com apenas 18,25 milhões de euros, surgindo depois Qatar (20,48 milhões), Iraque (23,9), Curaçao (26,3) e Arábia Saudita, que tem uma das ligas mais promovidas pelos grandes nomes que lá jogam, mas cuja seleção vale apenas 31,25 milhões de euros.

Martínez, o 5.º mais bem pago

Entre os selecionadores mais bem pagos do Mundial 2026, Ro-

SELEÇÕES MAIS VALIOSAS

1.º	França	1,47 mil ME
2.º	Inglaterra	1,30 mil ME
3.º	Espanha	1,27 mil ME
4.º	Alemanha	998 ME
5.º	Portugal	965 ME
6.º	Brasil	909,2 ME
7.º	Argentina*	765,5 ME
8.º	Países Baixos	763 ME
9.º	Noruega	586,50 ME
10.º	Bélgica	558,2 ME
20.º	Colômbia	303,6 ME
29.º	R.D. Congo	147,3 ME
35.º	Usbequistão*	71 ME

*As equipas da Argentina e do Uzbequistão ainda não têm a lista final divulgada. Os valores de mercado são provisórios.

berto Martínez ocupa o quinto lugar do ranking, com um salário de 4 milhões de euros anuais brutos, o mesmo montante auferido pelo italiano Fabio Cannavaro ao serviço da seleção do Usbequistão, de acordo com o Finance Football, site com especialista em questões financeiras.

O mais bem pago é Carlo Ancelotti que recebe 9,5 milhões de euros no Brasil, seguido por Julian Nagelsmann (7) na Alemanha, Maurício Pochettino (6) nos EUA e Tomas Tuchel (5,8) pela Inglaterra.

O campeão do mundo pela argentina Lionel Scaloni aufer 2,3 milhões de euros e está no 14.º lugar, à frente do campeão europeu pela Espanha Luis de la Fuente (2).





CARLOS LOPES

**“NUNCA VIVI PARA SER HERÓI.
VIVI PARA SER MELHOR”**

ENTREVISTA Há 50 anos, Carlos Lopes conquistava o primeiro grande título mundial do atletismo português e iniciava uma transformação no desporto nacional. Em conversa com o Diário de Notícias, recorda a infância, os sacrifícios, a relação com Moniz Pereira, a solidão, Los Angeles 1984 e a convicção absoluta de quem nunca entrou numa prova sem acreditar que podia ganhar. Aos 79 anos, continua frontal, disciplinado e fiel às suas convicções: “Eu sabia que era o melhor.”

TEXTO **CECÍLIA CARMO** FOTOS **GERARDO SANTOS**

Há 50 anos conquistou o seu primeiro grande título mundial [ouro no corta-mato, em Chesham, no País de Gales]. Quando olha para esse momento, sente que essa conquista acabou por ficar esquecida por causa do ouro olímpico em Los Angeles?

Não. O meu primeiro grande título foi o meu aparecimento no atletismo. Quando ninguém esperava – nem eu próprio tinha certezas sobre aquilo que poderia vir a ser o meu futuro. Começou ali uma caminhada que mudou tudo. Esse primeiro título foi importante, claro, mas houve algo ainda mais importante: aquilo que os meus pais me deram para a vida. Sem eles, eu não existia. Sem eles, também não existia o atleta. Mas aquele título mundial foi o princípio de uma nova esperança para o atletismo português. Foi um momento muito importante para o país e para o desporto.

Teve consciência, na altura, de que alguma coisa podia mudar?

Tinha essa noção, embora não falasse muito sobre isso. Nunca fui uma pessoa de grandes proclamações. Sempre fui reservado e muito concentrado no meu trabalho. Até chegar ali, houve um percurso muito duro, muito exigente, mas também feito de respeito, de crença e de muito trabalho. Tive um grande treinador, boas condições, dentro do possível, e pessoas que acreditaram no atletismo. Acima de tudo, eu acreditava muito naquilo que queria para mim e para a modalidade.

Esse percurso de mais de 50 anos fez de si uma pessoa diferente? O rapaz que saiu da sua terra, perto de Viseu, para o Sporting mudou muito?

Não mudou nada de essencial. Fui sempre uma pessoa com objetivos bem definidos, com regras

e com sentido de responsabilidade. Naturalmente, as pessoas mudam com a vida, mas os meus princípios nunca mudaram. Sempre tive consciência de que tinha de trabalhar para sobreviver, de que queria construir família e de que tinha responsabilidades. Nunca quis ser dependente de ninguém. A minha filosofia de vida foi sempre muito clara: trabalhar, respeitar e acreditar.

Recentemente, o Carlos disse que, nessa prova de há 50 anos, ao fim da primeira volta já sabia que ia ganhar. Como é que alguém percebe tão cedo que vai vencer?

Experiência. Observação. Concentração. Eu era muito observador. Enquanto corria, analisava tudo: a forma como os adversários subiam, desciam, respiravam, reagiam ao esforço. Dava-me uma perceção muito clara do que podia acontecer. Foram muitos anos de aprendizagem. Entre 1966 e 1976 passaram dez anos de trabalho muito duro. Competi em Espanha, em quase toda a Europa. Isso deu-me experiência. Ao fim da primeira volta percebi que tinha a corrida controlada. Via a forma como os outros estavam a correr e pensei: “Hoje isto vai correr bem.”

Ainda se lembra dessa corrida com detalhe?

Lembro-me de tudo. Tinha uma memória extraordinária. Costumo dizer que tinha um “computadorzinho” aqui dentro. Criava imagens e guardava-as. Lembro-me da véspera, de analisar o percurso, de perceber onde podia fazer a diferença. E no próprio dia, depois da primeira volta, percebi que aquilo podia ser um passeio controlado. Quando acelerei e olhei para o lado, vi que eles começaram a ficar para trás... A partir daí pensei: “Agora

já não me apanham.” E nunca mais apanharam.

Em 1976 Portugal ainda estava a viver os primeiros tempos depois da Revolução. Acha que o país percebeu logo a importância desse título?

Percebeu imediatamente. Nós, portugueses, temos muito disso: passamos do oito ao 80. Quando não há resultados, ninguém acredita. Quando aparecem, de repente há uma enorme expectativa. Mas o país não tinha cultura de alto rendimento. Não havia estrutura, não havia formação, não havia conhecimento do que significava competir ao mais alto nível. Quando chegaram os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, muita gente achava que eu tinha obrigação de ganhar. Mas as pessoas não percebiam a realidade. Nós éramos amadores. Os outros eram profissionais.

Está a falar, por exemplo, de Lasse Virén?

Claro. Eu tinha estado nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, e percebi como ele treinava, como trabalhava. Era um profissional autêntico. Nós não éramos. Querem exigir o mesmo resultado a um atleta português, num país sem condições, era não perceber a realidade do desporto nacional naquela altura. Mas eu sabia aquilo que valia.

E aí entra Moniz Pereira. Que importância teve?

Fundamental. Era um homem extraordinário, com um enorme sentido de responsabilidade, muito sentido de humor e uma capacidade muito especial para motivar. Nunca colocava em causa o valor dos atletas, nem do desporto português. Fazia-nos acreditar. Mas também era muito inteligente a gerir pessoas. Hoje fala-se muito de treino individualizado. O professor Moniz Pereira tinha dezenas de atletas e sabia exatamente como lidar com cada um. Quem precisava de mais apoio, quem precisava de mais exigência. Isso é inteligência.

Lembra-se da primeira vez que falaram?

Lembro. Foi num corta-mato de preparação de juniores para os Campeonatos do Mundo de Rabat. Ele era selecionador. Começou a dar-me algumas orientações, a dizer-me para ter paciência, porque nada era fácil. E foi tudo muito natural. Nunca houve grandes discursos, nem promessas. As coisas foram acontecendo.

Era muito exigente consigo?

Eu era mais exigente comigo do que ele. Sempre fui muito autónomo e consciente das minhas responsabilidades. Nunca precisei que me controlassem demasiado. Sabia aquilo que queria. E ele respeitava isso.

Quando saiu da sua terra para Lisboa, ainda muito jovem, foi difícil?

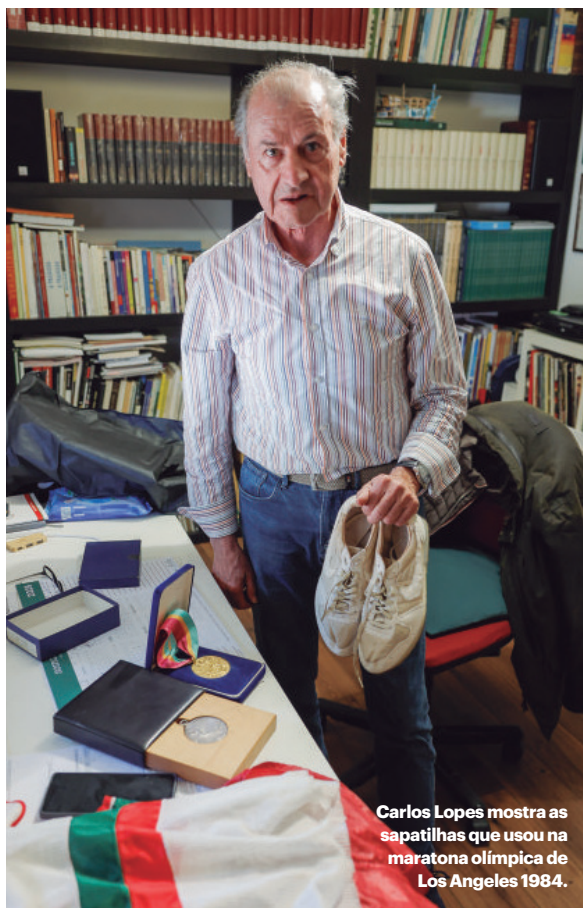
Foi. A primeira vez que chorei verdadeiramente foi quando percebi que estava a sair de debaixo da saia da minha mãe, no melhor sentido da expressão. Estava a sair do ambiente onde tinha sido feliz. Tive uma infância muito feliz. Sempre fui uma pessoa feliz, porque fiz aquilo de que gostava. Mas, claro, sair de casa custa.

Como reagiram os seus pais quando decidiu vir para o Sporting?

O meu pai reagiu relativamente bem. À minha mãe custou mais. E isso também me custou a mim. Mas rapidamente percebi uma coisa: se tinha aceitado vir, era porque havia qualquer coisa dentro de mim que me dizia que

“A primeira vez que chorei verdadeiramente foi quando percebi que estava a sair de debaixo da saia da minha mãe, no melhor sentido.”

“Nunca fui obcecado com restrições extremas. Comia aquilo de que gostava e a que estava habituado. Uma boa feijoada, um bom bife. Dava-me prazer.”



Carlos Lopes mostra as sapatilhas que usou na maratona olímpica de Los Angeles 1984.

tinha de dar esse passo. Disse a mim próprio: “Agora vais e não voltas como um falhado.”

Sofreu com a solidão?

Nos primeiros tempos, sim. Mas vou dizer-lhe uma coisa: o que mais me custou não foi Lisboa, não foi o atletismo, não foi a exigência do treino – foi a [ausência da] comida da minha mãe. Isso é que me dava a volta à cabeça.

Tem fama de ser um bom garfo. É verdade?

Sempre fui [risos]. Sempre gostei de comer bem e continuo a gostar. Quando casei com a minha mulher, há mais de 50 anos, perguntei-lhe logo: “Sabes cozinhar?” Disse-me que não. E eu respondi: “Então aprende, senão não caso.” Aprendeu muito bem. A alimentação sempre foi importante para mim.

Há histórias quase lendárias de que, antes de grandes provas, conseguia comer pratos pesados, como uma feijoada ou um cozido à portuguesa. É verdade?

Não é totalmente verdade, mas também não é mentira. Nunca fui obcecado com restrições extremas. Comia aquilo de que gostava e a que estava habituado. Uma boa feijoada, um bom bife, um bom bacalhau dava-me prazer. E esse prazer também fazia parte da minha vida. Nunca senti que isso interferisse negativamente com aquilo que fazia. O desporto deu-me muitas alegrias, mas também nunca quis deixar de viver normalmente.

Mas era um atleta obcecado?

Os grandes campeões muitas vezes são vistos dessa forma.

Obcecado não. Crente. Eu ganhava provas e continuava insatisfeito. Nunca estava totalmente satisfeito. Queria sempre mais. Mas isso não é obsessão. É querer melhorar. Também só fui muito bom porque tive adversários muito bons. E porque tive uma grande escola e o melhor treinador. Nada aconteceu por acaso.

Quem o via correr tinha a sensação de que tudo parecia fácil. Nunca havia nervosismo antes de uma prova?

Claro que havia responsabilidade. Mas medo ou nervosismo excessivo, não. Porque eu trabalhava para aquilo acontecer. Sabia quem eram os meus adversários, como treinavam, como corriam. Eu estudava tudo. Tinha uma memória extraordinária e preparava-me para os cenários todos. Quando chegava o momento da prova, estava preparado.

Vamos então a Los Angeles 1984. Quando entra no Estádio Olímpico, depois da maratona, já percebe a dimensão do que acabara de fazer?

Homem feliz. Homem absolutamente convicto. Era o sonho realizado. Eu sabia exatamente aquilo que tinha acabado de fazer. Quando entrei no estádio, via tudo. O público, o ambiente, a emoção. As pessoas pensam que um atleta vai tão focado que já não vê nada à volta. Eu via tudo. Sempre fui muito observador e soube sempre gerir muito bem as emoções. Mas, acima de tudo, naquele momento pensei: “Este é o meu. Ninguém mo tira.”

Foi aí que percebeu que tinha acabado de fazer história para Portugal?

Tinha essa consciência. Era algo inédito para o país. Também senti muito que estava a concretizar um sonho do professor Moniz Pereira: Portugal ter um Campeão Olímpico. Foi um momento muito forte.

Correr 42 quilómetros não é uma coisa simples. Há momentos de quebra numa maratona. Momentos em que a cabeça tem de puxar pelo corpo.

Para mim, aquela maratona foi das provas mais simples da minha vida. Porque ela começou a ser preparada dois anos e meio antes. Nada aconteceu por acaso. Era a última oportunidade que tinha de ser Campeão Olímpico e eu preparei tudo ao milímetro. Cheguei a Los Angeles com o peso exato que queria ter. Ajustei tudo: alimentação, hidratação, temperatura, humidade, percurso. Tudo. Nesse ano fiz 12 mil quilómetros de treino.

Doze mil quilómetros num ano?

Sim. Tudo estava pensado. Até os abastecimentos durante a corrida. O líquido, os momentos certos para beber, a estratégia. A minha mulher ajudava-me muito. Era ela quem me apoiava em vários momentos da preparação. Eu sabia exatamente o que tinha de fazer.

Ou seja, não foi inspiração. Foi método.

Foi convicção. Eu preparei-me para correr a determinado ritmo. Sabia como queria gerir a corrida. Até aos 37 quilómetros fui inteligente. Corri atrás do meu principal adversário, sem gastar energia desnecessária. E sabia uma coisa: os últimos cinco quilómetros tinham de ser meus.

continua na página seguinte »

ATUALIDADE

» continuação da página anterior

Quem decidia era eu. Foi isso que aconteceu. O meu objetivo era terminar a carreira como Campeão Olímpico. Era isso que queria. E consegui.

Depois de Los Angeles, tornou-se ainda mais conhecido. Já era uma figura pública, mas passou a ser o primeiro Campeão Olímpico português. Foi fácil lidar com a fama?

Para mim foi sempre fácil. Nunca fugi da realidade e nunca fugi das pessoas. Sempre fui uma pessoa muito frontal e muito consciente daquilo que fazia. Sabia quem era, sabia aquilo que tinha conquistado, mas nunca me achei mais do que ninguém.

Nem em termos familiares isso pesou?

Não. Porque a minha vida continuou a ser muito simples. Nunca abdiquei dos meus princípios, nem daquilo que eu era. Sempre fui uma pessoa de família. Não gosto de excessos. Nunca gostei de discotecas, dessas coisas. Se queria estar bem, estava em casa. Sempre fui muito estável e procurei estabilidade para a minha família.

Mas para chegar a esse nível não teve de abdicar de muita coisa?

Claro que sim. Há sempre coisas de que se abdica. Não sair, descansar quando os outros estão a divertir-se, ter disciplina. Mas eu fazia isso com prazer. Não sentia que estivesse a perder alguma coisa. Estava a investir em mim e naquilo em que acreditava.

O atletismo português mudou muito. O fundo e o meio-fundo perderam protagonismo, mas surgiram atletas nas disciplinas técnicas e na velocidade. Como olha para essa evolução?

Primeiro, há uma coisa que convém dizer: os meus tempos ainda hoje são atuais. Isso quer dizer que eu estava muito à frente do meu tempo. Depois, o atletismo mudou muito. Nas disciplinas técnicas houve investimento durante anos e agora começam a surgir resultados. Os treinadores são mais especializados, mais exigentes e estão mais próximos da realidade internacional. Mas no fundo e meio-fundo perderam-se coisas.

O que se perdeu?

Perdeu-se continuidade. Começaram a desaparecer determinadas provas e determinados contextos de competição, especialmente nos 5000 e nos 10.000



metros. Ao mesmo tempo, apareceram as maratonas comerciais e muitos atletas começaram a dispersar-se. Os clubes deixaram de investir da mesma forma na formação. Quando isso acontece, perde-se quantidade e depois perde-se qualidade. É um processo natural. Mas talento continua a existir em Portugal. Sempre existiu.

O profissionalismo alterou a relação entre atletas e treinadores?

Muito. Hoje cada treinador, quase, tem um atleta. O professor Moniz Pereira tinha dezenas. Tinha de perceber quem precisava de mais exigência, quem precisava de mais apoio, quem precisava de mais confiança. Hoje há demasiado medo de perder atletas. Porque tudo vale dinheiro. E isso, às vezes, prejudica o treinador e prejudica o atleta.

Não é contra o profissionalismo?

Não. Sou a favor do profissio-



Carlos Lopes conserva muitos prémios, homenagens e fotos que marcaram a sua extensa carreira. Entre os objetos mais proeminentes estão as duas medalhas olímpicas: prata em Montreal 1976 (10.000m) e ouro em Los Angeles 1984 (maratona).



“Hoje cada treinador tem um atleta. O professor Moniz Pereira tinha dezenas. Hoje há demasiado medo de perder atletas.”

Ajuda-nos a crescer enquanto pessoas. Se a minha história puder servir para isso, já valeu a pena. É assim que sinto. Gostava que fosse assim que sentissem.

Tem saudades de correr?

Não. Juro que não [risos]. Sou uma pessoa de convicções. Quando acabou, acabou. Há um princípio e há um fim. Nunca mais senti necessidade de voltar. Faço caminhadas, subo e desço escadas aqui em casa, mantenho-me ativo, mas correr competitivamente ficou para trás.

E os netos? Incentiva-os ao desporto?

Tal como fiz com os meus filhos, nunca impus nada. Posso aconselhar, ajudar, incentivar. Mas impor, nunca. As pessoas têm de escolher o seu caminho. Os meus filhos rapazes praticaram desporto. A minha filha, que é a mais nova, nunca quis ouvir falar de desporto e eu não impus nada. Tenho cinco netos. Eles vão escolher o que querem fazer.

Se fosse governante, o que faria primeiro para melhorar o desporto português?

Pensava em melhorar as infraestruturas, sem dúvida. Depois, melhores condições para os técnicos e mais dignidade para quem trabalha no desporto. O desporto merece respeito. Às vezes ainda não é levado suficientemente a sério neste país. E isso incomoda-me. Porque o desporto é uma das melhores ferramentas de formação que existe. Há que olhar mais para o desporto. **Uma última pergunta: quem é, para si, o melhor atleta de todos os tempos?**

É difícil responder. Aprendi com muitos atletas extraordinários. Tantos! Gostei de muitos.

Nunca lhe passou pela cabeça responder: Carlos Lopes?

Não [sorri]. Fui apenas mais um entre muitos grandes atletas do mundo.

lismo. Mas com respeito mútuo. Hoje há demasiada informação e, às vezes, demasiada confusão. Os atletas passam a vida a olhar para o telefone, a ver treinos dos outros, métodos dos outros. Isso, para mim, não diz grande coisa. O importante é perceber o atleta que se tem à frente. Trabalhar com ele e conhecê-lo bem. Para tirar o melhor dele.

Sente que já recebeu as homenagens que merece?

Ou ainda falta reconhecer mais o que fez pelo país?

Nunca vivi para ser herói, nem para ser monumento. As homenagens são bem-vindas quando fizer sentido. Mas aquilo que eu gostava verdadeiramente é que o desporto fosse visto como algo essencial. Não apenas para a saúde física, mas para a saúde mental. Isso é fundamental. O desporto abre horizontes. Dá-nos disciplina, convivência, respeito.

ENTRELINHAS

Não fizeram manchetes, nem foram destaque de última hora. Mas há histórias que passam pelas entrelinhas da atualidade e merecem muito ser contadas.



Fãs portugueses pagaram entre 55 e 995 euros para assistir aos golpes espetaculares das estrelas da WWE.

WWE REGRESSA A PORTUGAL NA PRÓXIMA SEMANA APÓS NOVE ANOS DE AUSÊNCIA E COM ENCHENTE ESPERADA NA MEO ARENA

WRESTLING Será o 10.º espetáculo da maior promotora do ramo no país, o primeiro desde 2017. Cody Rhodes (campeão da WWE), Seth Rollins ou Gunther serão algumas das principais estrelas em ação.

TEXTO DAVID PEREIRA

Luzeiras, câmara, ação! Tudo a postos para o regresso da World Wrestling Entertainment (WWE) a Portugal, naquele que será o 10.º espetáculo da promotora norte-americana no nosso país. Depois de o Pavilhão Dramático de Cascais ter acolhido um *show* da ainda WWE, em 1993, e de o Campo Pequeno ter recebido o último em solo nacional, em 2017, desta vez o palco escolhido volta a ser a MEO Arena, que recebeu sete espetáculos entre 2006 e 2012 e aguarda uma enchente para o evento que vai decorrer esta quarta-feira, 3 de junho, a partir das 19h30.

Os milhares de fãs que se deslocarem ao recinto lisboeta – pre-

ços entre os 55 e os 995 euros – vão ter a oportunidade de assistir *in loco* aos golpes espetaculares de estrelas como Cody Rhodes (campeão da WWE), Rhea Ripley (campeã feminina), Trick Williams (campeão dos EUA), os campeões de equipas Logan Paul e Austin Theory, Tiffany Stratton (campeã feminina dos EUA), Penta (campeão intercontinental), Seth Rollins, Gunther, Charlotte Flair, Drew McIntyre, Bron Breaker, Dominik Mysterio, Oba Femi ou Jacob Fatu.

Este regresso a Portugal está integrado numa digressão europeia que também passa por Espanha, Itália, França e Reino Unido e que terá o ponto alto este domingo, com o *premium live*

event Clash in Italy na cidade italiana de Turim, com transmissão em direto na *Netflix*.

Combates pré-determinados No *wrestling*, cada lutador tem uma personagem, que pode ser

Combates têm matriz e final pré-determinados, mas as reações do público condicionam o desenrolar da trama.

mais ou menos exótica. Há os que vestem as peles de coeiro, bailarino, psicopata ou de nacionalista, e há os que apenas exibem traços de personalidade – como determinação, arrogância ou vaidade – mais salientes.

Geralmente, os combates – cuja matriz e final são pré-determinados, mas não coreografados, pois as reações do público condicionam o desenrolar da trama – opõem o bom da fita [*babyface*] ao vilão [*heel*] e terminam quando um concluiu um assentamento até três [*pinfall*] ou obriga o outro a desistir. Mas há tipos de contendas para todos os gostos: as que envolvem cadeiras, mesas, escadotes e até fogo, jaulas e caixões. E ainda há o *royal rumble*,

WWE foi criada pela família McMahon em 1952 e os seus eventos são transmitidos para mais de 180 países e mil milhões de telespectadores.

entre 30 lutadores, cujo objetivo é fazer os adversários saírem do ringue por cima da corda superior até restar apenas um.

No mundo do *wrestling*, a WWE é a rainha. Criada pela família McMahon em 1952, a companhia tem sofrido alterações de nome, estabelecendo-se em 2002 com a nomenclatura atual. Os eventos são transmitidos para mais de 180 países e mil milhões de telespectadores. Desde 2023 que a promotora é propriedade do grupo TKO, que também é dono da UFC, a principal empresa de Artes Marciais Mistas (MMA) do mundo.

A companhia que mais se aproxima de oferecer alguma concorrência à WWE é a All Elite Wrestling (AEW), também sediada nos Estados Unidos e fundada e liderada pelo empresário Tony Khan, cuja família também é proprietária do clube inglês Fulham, treinado por Marco Silva, e da equipa de futebol americano Jacksonville Jaguars.

Há *wrestling* português

Desde a década de 1900 que há registos de eventos de *wrestling* em Portugal, em recintos como Coliseu dos Recreios e Parque Mayer. Nos anos 1960, emergiram estrelas como Tarzan Tabor da e Carlos Rocha.

Esses tempos já lá vão, mas o *wrestling* português atravessa presentemente um dos períodos de maior atividade de sempre. Entre promotoras e academias, estão ativas a Associação Portuguesa de Wrestling (APW), sediada em Portimão; o Wrestling Portugal (WP), com treinos e espetáculos em Queluz; a Invicta Wrestling, no Porto; a Project Wrestling, em Alenquer; o Centro de Treinos de Wrestling (CTW), com treinos em Lisboa e eventos por todo o país; e o *Wrestlefest*, que tem organizado *shows* nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. CTW (dias 6 e 13), WP (dia 14) e *Wrestlefest* (dia 20) têm espetáculos agendados para junho.

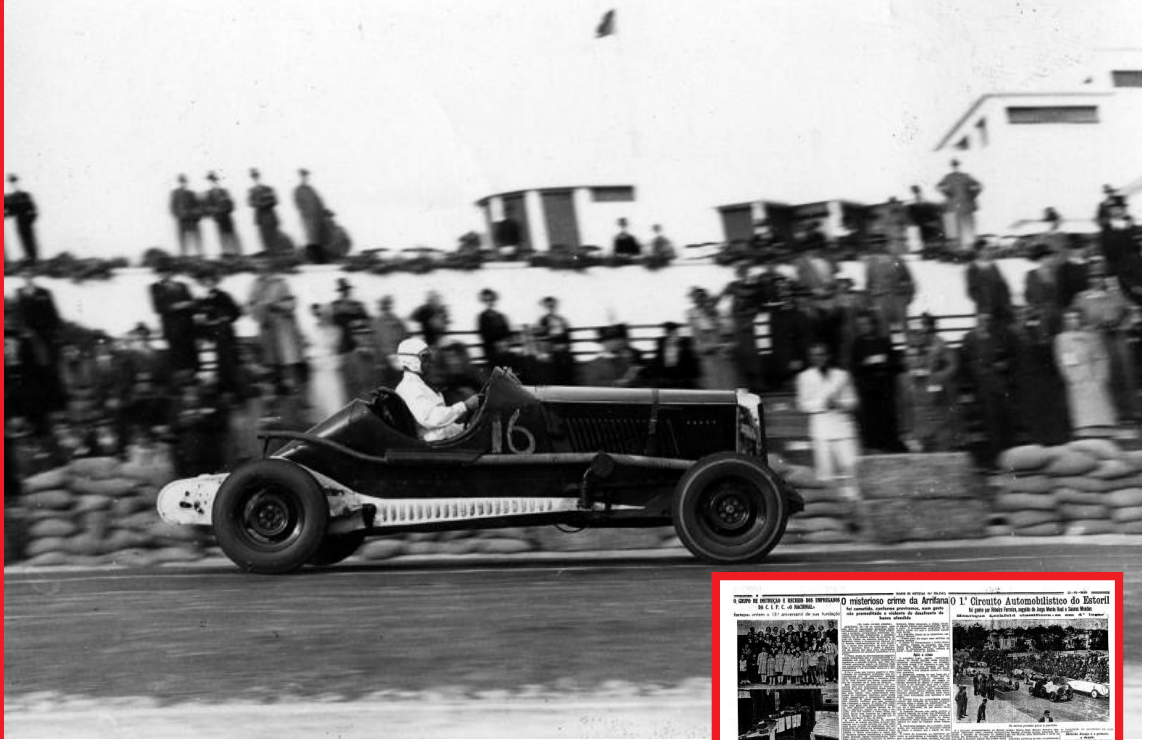
ARQUIVO DN

1935. ASES DO VOLANTE DOMARAM "VENTANIA DEMONIACA"

Em outubro de 1935, disputou-se o I Circuito Automobilístico do Estoril, prova organizada pelo ACP e que reuniu alguns dos mais célebres pilotos e carros da época, como Henrique Lerhfeld, também conhecido como o "Galgo das Montanhas". A corrida foi seguida no local por cerca de 20 mil pessoas, um sucesso. "Nas bilheteiras não havia mãos a medir. Apesar da ventania demoníaca que fustigou a Costa do Sol, ninguém faltou a assistir ao embate dos arrojadados campeões", escreveu a reportagem do DN. O grande vencedor da tarde seria Ribeiro Ferreira, ao volante de "uma nova Bugatti, pintada de azul". O pódio ficou completo com Jorge Monte Real e Soares Mendes. O "Galgo das Montanhas" teve de contentar-se com o 4.º lugar.

TEXTO PEDRO SEQUEIRA

Alta velocidade no Circuito do Estoril. A reportagem do DN destaca carros a circular a mais de 100km/h para entusiasmo das, aproximadamente, 20 mil pessoas que assistiram à corrida.



Os carros alinhados para a partida. O DN salientou a forte adesão do público: "Uma multidão, entre a qual figuravam muitas senhoras", que saudou os pilotos com "entusiásticas ovações".

Ribeiro Ferreira ao telefone junto da organização da corrida. O vencedor da prova conduziu "uma nova Bugatti pintada de azul".



Os pilotos junto ao placard das classificações. A prova não contou com o "grande ás" Vasco Sameiro, que no próprio dia informou ter ficado retido em Salamanca.



O sinal de partida foi dado pelas 15h35. A prova contou com 60 voltas, concluídas em 1h59m40s pelo vencedor, que rodou a uma média de 92 km/h.



ROTA TROPICAL

Parceria com DN Brasil liga os dois lados do Atlântico em redor dos protagonistas, acontecimentos e projetos desportivos que dão que falar do país do samba ao país do fado.

ZAKARIA LABYAD, A ANTIGA PROMESSA DO SPORTING QUE ESTÁ A RENASCER NO CORINTHIANS

PROTAGONISTA Dez anos após deixar Alvalade, o médio ofensivo rumou ao clube paulista indicado pelo amigo de adolescência Memphis Depay e, nas últimas três partidas, marcou os primeiros dois golos.

TEXTO NUNO TIBIRIÇA

Quando Zakaria Labyad desembarcou no Corinthians no início deste ano, a recepção de adeptos esteve longe de ser calorosa e o impacto na imprensa foi escasso. Sem atuar num grande centro do futebol europeu há já algumas temporadas e vindo de uma passagem discreta pela China, o médio ofensivo marroquino

Aos 33 anos, o médio ofensivo marroquino tenta escrever um capítulo improvável no futebol brasileiro ao lado de alguém que conhece desde a adolescência. Ele e Depay cruzaram-se ainda na formação do PSV, no início da década de 2010.

de 33 anos foi visto por parte da imprensa e dos adeptos como mais um amigo do neerlandês Memphis Depay a chegar ao clube paulista, sem grandes credenciais para fazer a diferença dentro de campo.

Principal estrela do Corinthians desde 2024, Memphis Depay foi ganhando influência nos bastidores do clube e participou ativamente na chegada de alguns nomes próximos, entre eles Labyad e o inglês Jesse Lingard. No Brasil, rapidamente surgiu a crítica de que o neerlandês estaria montando uma equipa sem pensar necessariamente no rendimento futebolístico dos amigos. Meses depois, porém, a história começa a ganhar outros contornos.

Nas últimas três partidas, Labyad marcou os seus primeiros dois golos pelo Corinthians e passou, pela primeira vez desde que chegou ao Brasil, a receber elogios mais consistentes. Primeiro, contribuiu para o empate frente ao Peñarol, na Taça dos Libertadores, precisamente na sua primeira partida como titular. Dias depois, saiu do banco para decidir a vitória sobre o Atlético Mineiro, no Brasileiro, com um goloço em vôlei, de pé esquerdo, já perto do fim

Zakaria Labyad tem 33 anos e começa a convencer os adeptos corinthianos.



da partida, levando a Neo Química Arena ao delírio.

Nem tudo, claro, são flores. Tanto Labyad como Lingard pouco conseguiram fazer na derrota por 2-0 com o Platense, na última jornada da fase de grupos da Libertadores, disputada na quarta-feira. Ainda assim, o Corinthians entrou em campo já classificado e com a liderança do grupo garantida, cenário que ajudou a aliviar o peso do resultado. Naquela partida, aliás, estavam diversas personagens familiares do futebol português com camisola do Corinthians, como o guarda-redes Hugo Souza (ex-Desp. Chaves), Andre Carrillo (passou por Sporting e Benfica) e Kaio César, que teve passagem de sucesso pelo Vitória de Guimarães.

A boa fase recente de Labyad também coincide com a chegada de Fernando Diniz ao comando técnico. Antes disso, sob o comando de Dorival Júnior, o marroquino mal tinha espaço e o próprio treinador admitiu publicamente conhecer pouco do jogador, cuja contratação havia sido fortemente incentivada por Memphis. Com Diniz, porém, o cenário mudou. O treinador brasileiro, conhecido por apostar em jogadores técnicos e dar liberdade criativa aos médios ofensivos, passou a utilizar Labyad com mais frequência e viu a resposta quase imediata dentro do campo.

O ressurgimento no Corinthians surge mais de uma década depois de o marroquino ter chegado ao Sporting como uma das grandes promessas do futebol neerlandês. Revelado pelo PSV Eindhoven, onde despontou ainda adolescente, Labyad assinou com os leões em 2012 cercado de grandes expectativas. Médio criativo e tecnicamente refinado, chegou a Alvalade com contrato de cinco anos e uma cláusula de rescisão milionária, mas nunca conseguiu justificar o investimento. No total, participou de apenas 27 partidas pelos leões em quatro anos de ligação.

Entre empréstimos, problemas salariais, conflitos com a direção e uma passagem apaga-



VEJA MAIS MAIS CONTEÚDOS NO DN BRASIL

da pela equipa B, acabou por sair sem deixar saudades no clube lisboeta. Ainda rodou em clubes como o Vitesse, Fulham, Utrecht e Ajax – onde reencontrou algum bom futebol –, antes de desaparecer gradualmente do radar europeu e seguir para o futebol chinês.

Agora, aos 33 anos, Labyad tenta escrever um capítulo improvável no futebol brasileiro ao lado de alguém que conhece praticamente desde a adolescência. Ele e Memphis Depay cruzaram-se ainda na formação do PSV, no início da década de 2010, quando ambos eram vistos como grandes promessas do futebol neerlandês.

Quase duas décadas depois, reencontraram-se no Corinthians, já longe do auge europeu, mas ainda à procura de protagonismo num dos ambientes mais caóticos e exigentes do futebol sul-americano. Na partida contra o Peñarol, aliás, Labyad (chamado no Brasil apenas de Zaka), tornou-se no primeiro marroquino da história a marcar um golo na Taça Libertadores: na comemoração, fez o gesto característico de Memphis com os dedos nos ouvidos e, após o jogo, pediu a permanência do amigo que o levou até ao Brasil, afinal o contrato do neerlandês com o Timão termina em julho.

“Para o clube dar o próximo passo, acho que é muito importante que ele fique. Nós vemos o que ele fez nos últimos dois anos pelo clube, pelos jogadores, ganhando três troféus, ajudando-os a não serem rebaixados no fim da temporada. Eu acho que fez um grande trabalho. Para nós, jogadores, amaríamos se ele ficasse”, declarou o marroquino nascido nos Países Baixos, que aos poucos “cainas graças” dos adeptos corinthianos.



FIFA AINDA NÃO TEM UM PARCEIRO NO PAÍS MAIS POPULOSO DO MUNDO

FUTEBOL Organismo está desesperado para encontrar valor considerado justo para transmitir Mundial na Índia. País asiático é o que mais produz vídeos de YouTube no planeta.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**

A 13 dias do pontapé de saída do Mundial de Futebol no México, Estados Unidos e Canadá, a FIFA ainda não tem parceiro nas transmissões de *media* no maior mercado do mundo, a Índia, país de 1,475 mil milhões de habitantes. Atualmente, o organismo tem uma proposta conjunta da Reliance, empresa indiana, e da Disney, empresa americana, de 20 milhões de dólares como principal oferta, ainda assim muito aquém dos 60 milhões desejados, noticiou a Reuters.

Para comparação, na China, o

segundo país mais populoso do planeta, com 1,412 milhões de habitantes, a proposta atinge esses 60 milhões. Nos Estados Unidos, terceiro país mais populoso e maior consumidor de desporto por TV e afins, a Fox pagou um total de 425 milhões pelos Mundiais de Futebol de 2018, na Rússia, e em 2022, no Qatar, e 10% a mais pelo evento de 2026, que o país co-sedia.

Mesmo sem nunca ter participado num Mundial e num modestíssimo 136.º lugar no *ranking* FIFA, a Índia representa, por norma, quase 3% do alcance global da prova. Em para-

DINHEIRO EM CAMPO

40

Os milhões de dólares de diferença entre o que a FIFA quer e o que a Reliance oferece.

1475

Os milhões de habitantes da Índia, que desde 2023 ultrapassou a China na liderança dos países mais populosos.

100

Os milhares de milhões de visualizações no YouTube de conteúdo indiano.

Os Estados Unidos são um dos países-sede do Mundial 2026 e o maior consumidor de desporto por TV e afins.

lelo, o país asiático lidera em vídeos no YouTube. O conteúdo indiano – leia-se criado por contat na Índia – na plataforma já supera os vídeos dos Estados Unidos, segundo dados fornecidos pela Tubular Labs à revista *Forbes*. São 100 mil milhões de visualizações e 5,4 milhões a mais acima dos vídeos americanos. Especificamente em conteúdo de futebol, desde o dia 1 de julho de 2025, a Tubular revela que o conteúdo indiano representa 3,7% das visualizações do YouTube nesse período, equivalente a 11,8 mil milhões de visualizações, o 7.º lugar no *ranking* geral.

A capacidade da Índia de competir em termos de audiência de vídeo destaca, portanto, uma base de fãs que a FIFA não pode ignorar. E sublinha ainda como o YouTube pode ser a melhor maneira de alcançá-la. O YouTube, porém, não parece estar entre os interessados nos direitos de transmissão do jogo, apesar de um acordo que permite aos detentores globais dos direitos exibir os primeiros 10 minutos da partida ao vivo na plataforma.

A FIFA, entretanto, sente que não se pode dar ao luxo de perder a Índia. Com um número maior de participantes no evento – 48, pela primeira vez este ano, e com tendência para chegar a 64 em breve –, a seleção nacional indiana pode sonhar um dia com o apuramento, mas para isso é preciso que as autoridades e a população, sobretudo a jovem, se envolvam com o desporto num país muito ligado sobretudo ao *cricket* e ao hóquei em campo.

A tendência, por isso, segundo a Reuters e a *Forbes*, é a FIFA aceitar os 20 milhões de dólares, mesmo que fiquem aquém do esperado, porque perder centenas de milhões de eventuais espectadores indianos no Mundial pode equivaler a fortes perdas a longo prazo, uma vez que a pirataria reina num país onde 55% do público assiste a conteúdo ilegalmente. Dar ao público indiano mais um motivo para assistir e, potencialmente, distribuir transmissões piratas do Mundial parece, no mínimo, muito arriscado para a FIFA. Em suma, o futebol não poderá abdicar do país mais populoso do mundo no futuro; já a Reliance-Disney passará bem sem a prova.



EM FORMA...

O poder da prática do desporto na saúde e autoestima. Histórias, bons exemplos e dicas para se manter ativo/a.



Opinião

Pedro Lucas

Diretor das revistas Men's Health e Women's Health

Cala-te Pote!

O que acontece depois de um futebolista não se esconder após uma derrota?

A pergunta surgiu-me depois de Pedro Gonçalves ter publicado uma mensagem nas redes sociais a reconhecer um momento difícil do Sporting após a derrota na Taça de Portugal diante do Torreense e assumir a responsabilidade pelos resultados.

Nada de extraordinário. Apenas o reconhecimento de uma realidade que todos tinham visto. Ainda assim, a polémica surgiu e nem sequer foi ao VAR. Mas este episódio vale mais pelo que revela do que pela discussão que gerou.

É que durante anos vimos adeptos, comentadores, diretores, presidentes a criticarem jogadores e treinadores por recorrerem a desculpas ou recusarem assumir responsabilidades. Sempre se pediu frontalidade e verdade. Mais capacidade para olhar

para um resultado negativo e dizer simplesmente: fomos inferiores.

Mas talvez tenhamos chegado a um ponto curioso. Será que estamos a exigir autenticidade, mas apenas quando ela está alinhada com aquilo que queremos ouvir?

O futebol sempre foi um território onde a derrota tem um peso próprio. Mas, atualmente, a linguagem da derrota mudou. As conferências de imprensa estão cheias de “processos”, “aprendizagens” e “indicadores positivos”. Os jogadores falam como gestores. Os treinadores comunicam como se fossem *coaches* da era moderna. As derrotas raramente são derrotas. São etapas. São percursos. São momentos de crescimento. E quando há alguém a pôr o dedo na ferida, abre-se todo um sem-fim de “opinadores” e donos da verdade.

Isso viu-se no caso de Pote. Quando até a admissão de uma derrota incomoda e causa tanta polémica, a consequência, a partir de hoje, parece-me muito previsível: os discursos de todos os intervenientes tornar-se-ão cada vez mais cautelosos e premeditados.

Assumir fragilidades passou a ser um risco que ninguém vai querer enfrentar. Qualquer reconhecimento de fracasso pode ser um sinal de fraqueza. Qualquer palavra sincera pode gerar contestação. A tal frontalidade que muitos exigem está, assim, condenada. Qualquer protagonista deixará simplesmente de assumir o que quer que seja.

Talvez devêssemos recuperar a capacidade de aceitar esta simplicidade de que uns ganham e outros perdem. Aprender a lidar com o fracasso. Porque uma derrota, em si, já é mais do que suficiente.

“

Assumir fragilidades passou a ser um risco que ninguém vai querer enfrentar. Qualquer reconhecimento de fracasso pode ser um sinal de fraqueza. Qualquer palavra sincera pode gerar contestação.”



Número 2 português venceu o francês Jan-Lennard Struff por 3-0.

JAIME FARIA REFORÇA CAMPANHA NACIONAL EM ROLAND GARROS

TÊNIS O jovem lisboeta passou ontem à 3.ª ronda do Grand Slam, juntando-se a Nuno Borges. Agora terão de superar adversários ex-top-10 para atingirem os oitavos de final da prova e, assim, alcançarem um feito inédito no ténis nacional.

TEXTO **FREDERICOBÁRTOLO**

Ontem, Jaime Faria garantiu o apuramento para a terceira ronda de Roland Garros, Grand Slam a decorrer em França. Assim, Portugal conseguiu, em individuais, a presença de dois atletas nesta fase, já depois de Nuno Borges ter garantido o apuramento.

Faria, número dois nacional, continua a fazer história na sua carreira como profissional e foi largamente superior. Conseguiu um 3-0 perante Jan-Lennard Struff, alemão, número 80 do mundo. O luso, número 115, alcançou um 7-5 no primeiro parcial, quebrando o serviço pela segunda vez ao adversário no derradeiro ponto.

No segundo set, o equilíbrio foi nota dominante até ao tie-break (só um ponto de serviço desperdiçado até ao 6-6). Mas no desempate o lisboeta foi impenetrável: só permitiu um ponto ao alemão e ganhou três no serviço contrário.

O terceiro set foi já um passeio, num 6-3 para a confirmação de um apuramento importante na carreira do atleta de 22 anos, apontado como grande esperança da modalidade em Portugal.

Faria já tinha conseguido eliminar o canadiano Denis Shapovalov, em três sets, antigo top-10 mundial e número 39 do ranking. Agora, terá pela frente o norte-americano Frances Tiafoe, número 22 do mundo, que bateu Hurkacz (jogador polaco que chegou a estar no top-10), por 3-2. Pode ser vantagem para Faria o facto de esse encontro ter durado 04h47, uma verdadeira maratona. “Os pontos não mentem, é a melhor campanha da minha carreira. Já são 120 pontos, nunca fiz tantos num só torneio e já ganhei muitos jogos e de muito bom nível, portanto estou muito feliz”, declarou, ontem, após a vitória. Vindo do *qualifying*, Jaime Faria tem superado os adver-

sários mais favoritos, já terá garantido uma subida ao top-100 na próxima atualização e é o terceiro português a conseguir ganhar cinco encontros num só Grand Slam. Neste caso, três das vitórias foram celebradas no *qualifying*.

Nunca um tenista luso passou da terceira eliminação em Paris, mas em 2026 tanto Jaime Faria como Nuno Borges têm a oportunidade de alcançar um resultado inédito na Meca da terra batida. Borges (51.º no ranking mundial) enfrenta hoje Andrey Rublev, antigo top-10 e atualmente no posto 13, e o tenista russo parte como favorito, até por já ter vencido seis torneios em terra batida, com destaque para os Masters 1000 de Madrid e Monte Carlo. Independentemente do desfecho, Roland Garros de 2026 marca a afirmação do ténis português a nível internacional.



MAIS EM MEN'S HEALTH



MAIS EM WOMEN'S HEALTH

DO MEU SOFÁ...

Em casa, no estádio, no pavilhão ou na pista, o fim de semana desportivo está à porta e aqui fazemos as nossas sugestões para que possa retirar o melhor proveito.



Opinião
Carlos Miguel Nogueira
Editor do Diário de Notícias

Venha de lá uma final de 'Champions' para ficar na história

Está a chegar o grande espetáculo anual da final da Liga dos Campeões. É já amanhã, a partir das 17h00, que Paris Saint-Germain e Arsenal disputam o jogo mais desejado pelos maiores emblemas da Europa. Será a 71.ª final da principal – agora milionária – prova da UEFA e irá coroar o 25.º Campeão Europeu da história, no caso de os ingleses vencerem, ou colocar os parisienses na galeria de clubes que conquistaram o troféu em anos consecutivos, uma proeza alcançada até agora por Real Madrid (um pentá e um tri), Ajax (um tri), Bayern Munique (tri), Benfica (bis), Inter Milão (bis), Liverpool (bis), Nottingham Forest (bis) e AC Milan (bis).

Será, ao mesmo tempo, uma espécie de homenagem a uma das maiores estrelas de sempre da Taça/Liga dos Campeões: o húngaro Ferenc Puskás, que venceu a *orelhuda* por três vezes. A final será disputada no estádio com o seu nome, em Budapeste, numa espécie de tributo aos nomes que esta competição tornou imortais, desde os pioneiros Alfredo Di Stéfano e Eusébio aos mais recentes *extraterrestres* Cristiano Ronaldo e Lionel Messi.

Ao longo dos anos, as finais da *Champions* deram-nos momentos de interminável tristeza coletiva, como quando a 29 de maio de 1985 o jogo passou para segundo plano devido a uma batalha nas bancadas entre adeptos do Liverpool e da Juventus que causou 39 mortos e um número indeterminado de feridos. Nesse final de tarde em Bruxelas, poucos se devem recordar de quem venceu um jogo que não devia ter acontecido, mas ninguém esqueceu as imagens violentas e muito duras

que entraram pelas casas de todos nós, num episódio que ficou conhecido como a Tragédia de Hysel Park.

Este foi, felizmente, um episódio que não voltou a repetir-se e tem vindo a ser superado por momentos épicos de felicidade e desespero que só o desporto tem o condão de nos proporcionar. Como aquela final de 1999, em Barcelona, quando adeptos e jogadores do Bayern Munique já faziam a festa ao minuto 90, mas dois golos de rajada no tempo extra transportaram a euforia para o lado do Manchester United. Ou a mítica final de Istambul, em 2005, na qual um super AC Milan venceu ao intervalo um destruído Liverpool, por 3-0, com os ingleses a irem buscar forças sabe-se lá onde para empatar o jogo e conquistar o troféu no desempate por penáltis.

São momentos como estes que tornam a Liga dos Campeões tão especial. É por momentos como este que milhões de pessoas em todo o mundo vão estar à frente das televisões. Das equipas portuguesas ficam os relatos dos feitos do Benfica de 1960 e 1961, bem como as proezas do FC Porto em 1987 e 2004. E até as cinco finais perdidas pelos encarnados são, ao dia de hoje, vistas como algo inalcançável, porque a *Champions* tornou-se uma competição só ao alcance dos clubes mais ricos da Europa. Por isso, resta-nos vibrar com os jogadores portugueses – e têm sido muitos – que têm vencido o mais desejado troféu do futebol de clubes. Amanhã, Nuno Mendes, João Neves, Vitorino e Gonçalo Ramos lá estarão a defender a honra lusitana. Mas, mais do que isso, o importante é que a final de Budapeste nos dê novos momentos inesquecíveis, daqueles que entram no imaginário coletivo.



A 'Champions' tornou-se uma competição só ao alcance dos clubes mais ricos da Europa. Por isso, resta-nos vibrar com os jogadores portugueses. Amanhã, Nuno Mendes, João Neves, Vitorino e Gonçalo Ramos lá estarão a defender a honra lusitana."

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 2026

Atletismo: Campeonatos Ibero-Americanos, em Lima, no Peru, com participação de portugueses, até dia 31.

Automobilismo: Grande Prémio de Detroit, 5.ª prova do Campeonato Norte-Americano de Resistência, até dia 30.

Rali de Lisboa, 3.ª prova do Campeonato de Portugal de Ralis, até dia 30.

Canoagem: Taça do Mundo de Canoagem de Slalom da ICF, 1.ª etapa, em Tacen, Eslovénia, até dia 31.



Ciclismo: 19.ª etapa da Volta a Itália, entre Feltre e Alleghe (Piani di Pezzè), na distância de 151km.

Futebol: Play-off da liga francesa: Nice-Saint-Étienne, 19h45.

Jogo das Estrelas. Amigos de Ronaldinho-Amigos de Deco, no Estádio do Restelo, às 20h00.

Motociclismo: MotoGP, Grande Prémio de Itália, no Circuito de Mugello, até dia 31.

Mundial de Superbike, no Motorlan de Aragão, Espanha, até dia 31.

Natação: Taça do Mundo de Nataçãõ Artística, em Pontevedra, Espanha, até dia 31.

SÁBADO, 30 DE MAIO DE 2026

Andebol: Meias-finais da Liga Europeia, em Hamburgo, na Alemanha: Montpellier-Kiel; Melsungen-Flensburg

Atletismo: Torneio Nacional Olímpico Jovem, em Albufeira, às 14h30, até dia 31.

Triatlo: Campeonato do Mundo de Triatlo em Alghero, Sardenha, Itália.

Ciclismo: 20.ª etapa da Volta a Itália, entre Gemona del Friuli - Piancavallo, 200 km.

Futebol: Play-off da liga feminina (2.ª mão): Albergaria-Marítimo, 11h00.

Final da Liga dos Campeões, no Puskás Aréna, Budapeste: Paris Saint-Germain-Arsenal, 17h00.



Play-off de acesso à II Liga (2.ª mão): Belenenses-Farense, 20h30.

Futebol de praia: Campeonato Elite de Futebol de Praia, 1.ª fase, 4.ª jornada, em Sesimbra.

Futsal: Play-off da Liga (1.º jogo): Leões Porto Salvo-Benfica 15h00.

Hóquei em patins: Meias-finais (jogo 2) do Campeonato Nacional: Sporting-FC Porto, 19h00

DOMINGO, 31 DE MAIO DE 2026

Atletismo: Liga Diamante, *meeting* de Rabat, em Marrocos.

20.ª Corrida das Pontes e 20.ª Corrida da Família, às 9h50, em Coruche.

Grande Prémio Internacional de Madrid de Marcha, Espanha.

Ciclismo: Termina Volta a Itália – 21.ª etapa: 131km em Roma.

Futebol: Início do estágio da seleção nacional feminina para jogos com a Letónia e com a Finlândia de qualificação para o Mundial 2027, até dia 10 de junho.

Play-off da liga feminina (2.ª mão): Gil Vicente-Rio Ave, às 11h00.

Final da Taça Revelação (2.ª mão): Santa Clara-Gil Vicente, 17h00 locais.

Motociclismo: Grande Prémio da Alemanha de Motocrosse MXGP/MX2, em Teutschenthal.



Futsal: Play-off da Liga (1.º jogo): Sp. Braga-Sporting, 20h30.

Hóquei em patins: Meias-finais (jogo 2) do Campeonato Nacional: Óquei Barcelos-Benfica, 17h00

Andebol: Final da Liga Europeia, em Hamburgo, 17h00